

Ensino superior incentiva a inclusão social

Hoje, 24 instituições de ensino superior aderiram ao Programa de Cotas. E, num universo de 3,9 milhões de estudantes, apenas 5.382 são deficientes

Daniela Rubin

O Ensino Superior brasileiro é marcado por disparidades. Ainda, hoje, existem grupos minoritários, tais como: os negros e os portadores de necessidades especiais. O próprio Governo começou a trabalhar com ações e projetos que garantem a inclusão, integração e acesso à universidade, como, por exemplo, o Prouni, o Programa das Cotas para negros, índios e egressos de escolas públicas e, também, o Programa Incluir, que além de facilitar a entrada do portador de deficiência, concede benefícios para a instituição de ensino, buscando a democratização ao acesso destes grupos.

A Secretaria de Educação Superior (SESU/MEC) tem a expectativa, para este ano, que o número de cotistas negros nas instituições federais e estaduais atinja 25 mil alunos. No final do primeiro semestre de 2005, o total de cotistas era de 10.635 estudantes, em 12 universidades. Hoje, são 24 instituições que aderiram ao programa. A última, foi a Universidade Federal do ABC (UFABC), na

Grande São Paulo.

A primeira instituição federal de ensino superior a implementar o sistema de cotas foi a Universidade de Brasília (UnB), que aprovou em junho de 2004 um plano de metas para integração racial e étnica. O projeto prevê a reserva de vagas para negros e, um percentual menor de índios, durante dez anos.

Deficientes - A idéia de que os alunos com necessidades especiais devem fazer parte das mesmas classes dos outros estudantes começou a ganhar mais força em 1990, quando a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) realizou a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, na Tailândia, com propósito de sublinhar a necessidade de universalizar o acesso à educação.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP/MEC), de 2004, e do Programa de Apoio aos Portadores de Necessidades Especiais (PPNE) da UnB, de 2006, um total de 3,9 milhões de estudantes no ensino superior, distribuídos por 1.859 instituições, 5.382

Maurício Saldanha



Negros e deficientes: são alvos de ações positivas

são portadores de algum tipo de deficiência. Desse total, 75,7% estão nas instituições privadas e 24,5% nas públicas.

Vencendo barreiras e diversidades

Evelize Silva e Gabriele Afonso

Pode-se perceber que negros e portadores de necessidades especiais vem cada vez mais adquirindo o espaço que é seu por direito.

Miranda, aluno do IPA, tem 24 anos, é negro e está no 4º semestre de direito, é a favor das cotas e ao contrário do que muitos dizem, não acha que é uma forma de discriminação. Sendo negro, já passou por alguns preconceitos como no dia em que foi fazer uma entrevista de emprego para uma rede de hiper-



André Luis Miranda da Silva

mercados, a orientadora lhe disse que naquela empresa não contratavam pessoas da raça negra. Isso não fez com que ele desistisse, mesmo com as dificuldades conseguiu ingressar no ensino superior, órfão de pai e mãe, mantém a faculdade através de um estágio, tem bolsa de 50% e o que mais almeja na vida agora é poder crescer sem perder a humildade e seguir uma carreira de sucesso dentro da profissão que escolheu. "Com as cotas o Brasil só tem a crescer", diz.

Daniela Rubin



Hoffmann vencendo a diferença

A professora do IPA Sônia Hoffmann, doutora em Ciência do Desporto em Educação Física, 49 anos, é o exemplo de que um portador de necessidade especial pode conseguir espaço na sociedade.

A deficiência lhe deu coragem para encarar as situações cotidianas. "Fiz a minha carreira profissional e acadêmica já portando deficiência. É preciso que todos interajam para romper a representação social que temos da diferença, da deficiência e da diversidade", diz. Não somente o IPA, mas as demais institui-

ções de ensino superior estão abertas a essa realidade. "Hoje, se fala muito em inclusão aluno-professor; professor-aluno, mas esquecem da relação do professor no seu ambiente de trabalho, pois é dessa relação que muitas vezes sofremos os maiores preconceitos e descrédito", observa. Sobre a sua condição, a professora diz: "Não acho que sou privilegiada, acho que todos somos privilegiados por chegar a um ambiente acadêmico diante da situação brasileira e mundial."

Preconceito

X

Cotas

Evelize Silva e Fernanda Santos

Em 2004, foi aprovado o projeto de lei 3627. A lei “institui sistema especial de reserva de vagas para estudantes egressos de escola públicas, em especial negros e indígenas, nas instituições públicas federais de educação superior”.

Há poucos negros em universidades, por isso houve a necessidade de se implantar a lei. O objetivo é evitar o desequilíbrio entre as raças. Na lei, foram obrigatoriamente reservadas 45% das vagas para estudantes carentes, das quais 20% são para negros, 20% para oriundos da rede pública estadual e 5% para pessoas com deficiências e integrantes de minorias étnicas.

O sistema de cotas vem gerando polêmica e dividindo opiniões. Há quem diga que isso é mais uma forma de discriminação, afinal negros, índios e PNEs têm tanta capacidade quanto qualquer outra pessoa.

“É algo necessário”, diz a psicóloga Ana Luiza dos Santos Julio, professora do IPA. “A comunidade negra vem desde muitos anos estando de fora da educação formal, ainda não conseguiu ter um nível de qualificação, essa população está preci-

Lei 3627 garante reserva de vagas para minorias

Daniela Rubin



Ana Luiza dos Santos Julio, psicóloga

sando estudar, as cotas trazem inclusão, sem elas essa comunidade continuará excluída”.

Pesquisas apontam que 45% da população brasileira é negra, sendo que a maioria dessas pessoas vivem nas periferias. Sem as cotas o acesso dessa comunidade ao ensino superior era quase que inexistente. Com elas, essa porcentagem diminuiu, mas será que dessa forma não haverá um preconceito ainda maior?

A professora Ana Luiza responde: “Não, a pessoa que não tem preconceito não passará a ter. A diferença é que o preconceito passa a ficar mais evidente, ninguém se torna racista porque tem uma cota hoje, as pessoas que já eram racistas, agora estão podendo dizer que são”, ressalta. “É fácil dizer que não se é racista quando não precisa compartilhar coisas com a comunidade negra”, observa.

Não se pode propiciar cotas e não dar as-

sistência, então como garantir a permanência dos cotistas na universidade? “A cota é uma entrada, temos de ter uma garantia de sucesso, do contrário, vai haver uma desistência no sentido de não valer a pena investir nisso e, novamente, vem a idéia de que o negro não tem capacidade. O que precisa ser feito é um acompanhamento da comunidade para que ela possa se sustentar e aprender a fazer essa caminhada”, diz Ana Luiza.

“No IPA, estamos criando ações que possibilitam essa garantia, uma delas é através do Centro Ecumênico de Cultura Negra (CECUNE), que forma grupos e oficinas que propõem contato racial, porque se a pessoa não se reconhece na sua negritude, dificilmente ela vai conseguir ultrapassar as barreiras que surgirão”, completa.

Você sabia?

De acordo com o site www.adital.com.br a população negra corresponde a 16,8% da população analfabeta, enquanto os brancos 7,1 % sendo a média nacional de 11,6% comparando a população com 12 anos ou mais de escolaridade, são 15,2% brancos enquanto negros apenas 4,6%.

O que é?

O CECUNE - É uma ONG que entra como parceria com o IPA para fazer contato com os grupos minoritários de negros. Está no IPA desde 2004.

“...a pessoa que não tem preconceito não passará a ter. (...) ninguém se torna racista, porque tem uma cota hoje (...).”

O que os alunos pensam sobre as cotas?

“Antes eu não era a favor, agora sou, não porque faço parte, mas porque o único modo de resolver a desigualdade é com a desigualdade. É como combater uma doença, normalmente combatemos o veneno com o próprio veneno, o único modo é esse, fazendo com que as pessoas “desiguais” se igualem, não tem outro jeito.”

Eliane Lopes, Direito/IPA



Fotos: Daniela Rubin



“Sou contra, porque acho que tem que fazer uma reestruturação já na política educacional de início e não uma coisa que alguém inseriu no meio educacional, em relação a universidade. Acho válido ser questionado este tipo de assunto também com a comunidade negra. Sou contra em função disso, de se haver uma necessidade já no meio educacional ainda no ensino fundamental e médio”.

Samanta Moraes, Serviço Social/IPA

IPA - Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista

CONSELHO DIRETOR

Bispo Assistente - Adriel de Souza Maia

Presidente - Sergio Marcus Nogueira Tavares

Vice-Presidente - Laan Mendes de Barros

Secretário - Nelson Custódio Fer

Conselheiros - Márcia Flóri Maciel de Oliveira Canan, Lorenz Richard Koch, Luis de Souza Cardoso, Henrique de Mesquita Barobosa Corrêa, Ricardo Hidetoshi Watanabe e Alexandre Magno Caldeira Figueiredo

Centro Universitário Metodista IPA

Reitora

Adriana Menelli de Oliveira

Pró-reitor Acadêmico

Francisco Cetrulo Neto

Pró-reitor Administrativo

Marcelo Jorge Sonneborn

Jornal elaborado pelos(as) estudantes do curso de Jornalismo do Centro Universitário Metodista IPA

DISCIPLINAS

Produção e Planejamento Gráfico e Editorial I, Projeto Experimental I, Técnicas de Entrevista e Reportagem, Redação e Expressão Oral I e Fotografia

Curso de Comunicação - Jornalismo

PROFESSORES(AS)

Ana Paula Megiolare, Francisco José, Laura Glüer, Lisete Ghiggi, Maricéia Benetti, Michele Limeira e Rogério Soares

REPORTAGEM E EDITORAÇÃO

Daniela Rubin, Evelize Silva, Fernanda Santos, Gabriele Afonso